

Introdução Geral

O pretexto que me levou a escolher o tema da eclesiologia solidária foi a situação sócio-econômica dos trabalhadores, subempregados e desempregados, e os que passam pelo pior tipo de injustiça: a exclusão. O explorado no trabalho ainda conta para o sistema. O excluído não. A exclusão passa a ser o pior tipo de opressão. Fora do mercado do trabalho, o excluído vai perdendo sua dignidade humana, pois sem o trabalho vai ficar fora do sistema educacional, do acesso à saúde, do convívio social e até religioso, em certos casos. Em conseqüência disso, as pessoas podem tomar quatro tipos de atitudes: a) os que se prezam podem cair em profunda depressão; b) os que acham que não tem mais nada a perder podem entrar pelo caminho da violência; c) os que acham que nada podem fazer para mudar a situação e por isso se acomodam; d) finalmente os que, mantendo a esperança em um mundo mais humano, lutam, animados pela fé, para mudar a situação.

Moro no coração da Baixada Fluminense, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, onde muitas pessoas vivem nos limites da pobreza e da miséria, ao lado de alguns “abastados” que detêm o poder econômico e político sobre as maiorias empobrecidas.

A maioria da população é formada por migrantes ou descendentes de migrantes que vieram de outros estados, principalmente do Nordeste, em busca de sobrevivência. Aqui chegando foram perdendo suas raízes culturais e suas tradições religiosas. Muitos deixaram de participar da Igreja Católica na qual foram batizados e passaram a freqüentar outras igrejas evangélicas ou pentecostais, atraídos pelas promessas milagrosas de uma rápida transformação da vida e solução dos problemas que os afligem. Os que permanecem na Igreja Católica se dividem em vários grupos: os que se engajam nos serviços da comunidade ou das pastorais da Igreja, os que apenas assistem missas aos domingos e principais festas do ano litúrgico, e os que se afastaram completamente da comunidade, numa atitude de completa indiferença religiosa. Estes últimos são absoluta maioria.

Estas mudanças vão instalando nas famílias uma profunda crise. O espírito familiar e comunitário sai de cena, deixando vago o lugar para o cultivo do individualismo. A onda do descartável entra até nas relações pessoais. O outro só

importa enquanto satisfaz o meu *ego*. Hoje, ser autêntico passou a significar amar enquanto me convém, pois o “amor vale enquanto dura”!

Os que deixaram sua terra natal, vieram movidos pela esperança de uma vida melhor. Poucos, porém, alcançaram o que esperavam. A maioria continua com seus sonhos neutralizados pelo sistema capitalista selvagem. Atualmente a crise se aprofunda com o neoliberalismo globalizado. Globalizando a economia, globalizaram também a crise dos países do Terceiro e Quarto mundos. O que se passa aqui na Baixada Fluminense é uma amostra do que se passa nas periferias das grandes cidades do Brasil e América Latina (AL).

Os avanços tecnológicos, fundamentados na possibilidade de melhoria da qualidade de vida das pessoas, têm trazido um abismo cada vez maior entre ricos e pobres e entre países ricos e países pobres. Os pobres, privados dos benefícios tecnológicos, entram num processo de empobrecimento e exclusão do sistema econômico, político, educacional e da saúde pública.

No discurso e na prática da Igreja Católica nem sempre encontram uma resposta satisfatória para seus problemas mais urgentes: o desemprego, a fome e a saúde. Muitas vezes vão buscar em outras denominações religiosas solidariedade e acolhida que normalmente não estão encontrando entre os católicos. Neste contexto, entra o discurso milagreiro e alienante de certas Igrejas, bem como de certas religiões, que investem na cultura do individualismo. Perdidos no “alto mar” da insegurança, os empobrecidos agarram a primeira “tábua de salvação” que encontram, pensando assim encontrar solução imediata para seus problemas.

Na corrida desenfreada pela busca de sobrevivência, acham-se desempregados, subempregados, camelôs nas ruas ou nos trens, e os que, sem iniciativa para um trabalho informal, vivem da caridade alheia (igrejas, instituições beneficentes, políticos ou politiquinhos).

Nas periferias das grandes cidades do Brasil e AL, a grande maioria desses empobrecidos (trabalhadores autônomos pobres, subempregados, desempregados, excluídos) abrigam-se em precários barracos construídos em lugares sem a menor segurança (encostas dos morros, em terrenos de mangues ou nas orlas dos rios) sujeitos às intempéries de todo tipo. O lugar de lazer e do encontro de crianças, jovens e adultos nestas periferias urbanas são as ruas e as calçadas, pontos de encontros durante o dia e boa parte da noite.

A miséria do povo não se verifica apenas no nível econômico. Há falta de visão e capacidade de se preocupar com o meio ambiente. Por isso, algumas ruas se encontram em estado calamitoso, imundas, por causa de animais soltos, bueiros abertos e entupidos de lixo, valas exalando mal cheiro e transmitindo doenças à população pobre, carente e marginalizada. Os rios encontram-se muito poluídos e entulhados de lixo jogado pelos moradores ribeirinhos. Os órgãos públicos, as igrejas e as escolas parecem comungar com a situação. Ninguém se mobiliza para, pelo menos, tentar mudar este quadro através de campanhas de conscientização.

A tudo isso pode ser acrescentado o problema da falta de água e saneamento básico em muitos bairros periféricos. Existem empresas possuidoras de verdadeiras frotas de caminhões-pipa para “socorrer” os moradores que são obrigados a comprar água para suprir suas necessidades básicas. É um quadro simplesmente triste que está à nossa frente. Vivemos num sistema político-econômico onde se arranca votos e se produz riquezas em cima da miséria alheia.

A poluição sonora é outro fenômeno que se tornou rotina para uns e problema para outros. Aparelhos de som instalados nas ruas, nas calçadas ou em cima de veículos são ligados a um volume que ultrapassa os decibéis permitidos por lei, enchendo a cidade de músicas que retratam uma mentalidade alienada da maioria dos jovens da periferia. Tudo isso é resultado daquilo que os Meios de Comunicação Social, especialmente Rádios e TVs, fazem o povo engolir como sendo coisa de última geração e, portanto, bom para o consumo imediato.

Excluídos da vida social, econômica e política e cultural, bem como, em certos casos, pela própria Igreja, cada um procura defender-se como pode em busca de seu espaço na sociedade e auto-afirmação de sua própria identidade.

Os politíqueiros e alguns pastores oportunistas de certas Igrejas procuram tirar vantagem desta situação. Acabam, às vezes, transformando-se em “tábua de salvação” para os menos favorecidos deste sistema injusto. As migalhas de pão caídas das mesas dos que têm um pouco mais e as falsas promessas de uma vida melhor sem muito esforço ou compromisso comunitário vão ludibriando a esperança de um povo adormecido e acorrentado pela ideologia do sistema excludente.

Do ponto de vista social, a comunhão de fé e de ideologia já não é mais um elemento essencial. Do ponto de vista pessoal, cada um se exprime numa dimensão ideológica ou religiosa diferente. O coletivo ou o social só são

importantes enquanto satisfazem ao indivíduo. Por isso há, em geral, muita indiferença pelas questões religiosas, sociais e humanitárias. Do ponto de vista econômico, cada um tenta se defender como pode. Nas instituições financeiras, a tendência é “pisar em cima do outro” para “subir na vida”. A solidariedade é uma palavra desconhecida e totalmente inconveniente em tal contexto.

As iniciativas eclesiais ou populares que se tomam em busca de uma transformação deste quadro são levadas à sério por uma minoria engajada em movimentos populares ou nos setores mais politizados das lideranças cristãs. Para esta multidão carente, apenas três discursos convencem: o trabalho, a comida e a saúde. Trata-se de necessidades urgentes. O sofrimento, a fome, a angústia, o medo e a insegurança são intensos. Por isso muitos jovens e adolescentes buscam segurança nas drogas. Este quadro alimenta e reforça o narcotráfico. Outros buscam nas igrejas evangélicas, especialmente na Universal do Reino de Deus, encontrar uma solução imediata para seus problemas diários como desajustes familiares, saúde, prosperidade, etc.

O que fazer para mudar este quadro? É um desafio gigantesco a ser enfrentado para que a vida renasça destas ruínas. No mundo pós-moderno, o ser humano vem sendo colocado em segundo ou até em terceiro plano. Virou massa de manobra nas mãos de aproveitadores; máquina de enriquecimento injusto nas mãos de exploradores do trabalho alheio.

A ciência, a religião, os valores da vida humana estão sendo simplesmente pisoteados, ignorados e deixados de lado. No campo afetivo predomina a subjetividade. Não há a menor preocupação pelo compromisso sócio-político transformador. A utopia de um novo homem e de um novo mundo parece ter sido coberta pelas cinzas do passado.

Há quase total indiferença pelas instituições familiares, religiosas, políticas e educacionais. Desapareceu a autoridade paterna e materna. A professora, muitas vezes, nem sabe o que fazer nas salas de aula para manter sua autoridade. A rua, não a casa, passou a ser a “escola”, onde crianças, adolescentes e jovens se “preparam” para enfrentar os desafios que a vida lhes impõe. Convivem com as drogas comercializadas em cada esquina mais escondida ou nos cantos dos muros da escola, quando não dentro da própria escola. É comum ver adolescentes e jovens andarem pelas ruas portando e negociando armas de fogo. Quem os vê, fica

quieto para não ter complicações. Cada um procura satisfazer o que mais lhe convém no imediato. A vida parece mesmo não valer quase nada.

Esta crise pós-moderna do ser humano é consequência do descaso das autoridades políticas, que se instalaram no poder para defender seus próprios interesses, deixando de lado os interesses do povo. Vivem em seus palácios e em suas casas de campo ou de praia, ou em seus gabinetes de trabalho maquinando estratégias de enriquecimento injusto. Estes são os principais responsáveis pelo caos sócio-econômico em que vive o povo.

No mundo dos privilegiados do sistema injusto prevalece o ceticismo em relação às causas humanitárias. Quer dizer, a visão do ser humano no mundo pós-moderno continua presente de maneira mais cruel e funesta no círculo dos poderosos de nossos países latino-americanos.

O roubo mais brutal que o sistema neoliberal vem fazendo não é o econômico mas o ideológico. A cultura do individualismo mina a solidariedade e consequentemente o poder de organização das classes populares, impossibilitando assim seu poder de pressão em vista de alternativas para a construção de um mundo melhor.

Este quadro é um referencial para a abordagem da situação dos católicos não praticantes. Injustiçados e empobrecidos, excluídos do sistema sócio-político-econômico-cultural, tornam-se presas fáceis nas garras de politiqueiros ou de grupos religiosos oportunistas que cultivam uma fé alienada, sem nenhum compromisso com a vida. Tais grupos religiosos podem estar não só nas outras igrejas, mas dentro da própria Igreja Católica. É preciso estar em constante vigilância.

O que fazer para mudar esta situação? Por onde começar? O que a Igreja tem a oferecer é suficiente para melhorar a qualidade de vida deste povo?

Aqui entra a proposta de uma eclesiologia solidária e fiel a seu mestre Jesus que, vendo a multidão faminta e num lugar deserto, sentiu compaixão, pois eram como ovelhas sem pastor, e se dispõe a ensinar-lhes longamente (cf. Mc 6,34).

Alguns teólogos latino-americanos, comprometidos com a transformação deste continente, sintetizaram as aspirações dos pobres, inspirando-se na Bíblia, no Concílio Vaticano II e na grande Conferência Episcopal da Igreja da AL realizada em Medellín. Eles refletiram sobre as características de uma Igreja solidária, inspirada na primeira comunidade cristã (cf. At 2,42-47; 4,32-37).

Estava nascendo, neste continente de empobrecidos, uma Igreja solidária e profética na experiência de fé dos pobres tematizada pelos teólogos da libertação.

A solidariedade é uma característica latino-americana presente na sociedade e na Igreja que se manifesta no grito do pobre e na luta do perseguido por causa da justiça. Ela significou a perseguição de muitos cristãos e exige um compromisso com a libertação integral do ser humano. Se João Paulo II chegou a afirmar que “a paz é fruto da solidariedade”, isto significa que onde não houver solidariedade, não poderá haver justiça nem paz. A solidariedade vai além das religiões e das denominações religiosas, ultrapassa as fronteiras das culturas e nações.

Na AL têm-se multiplicado as vivências pessoais, grupais e institucionais de solidariedade no campo cultural, político, econômico e religioso. Ser solidário é se empenhar comunitariamente na luta pela libertação integral de todos. Nos regimes antidemocráticos latino-americanos, houve muita luta pela volta dos perseguidos políticos e refugiados, campanhas contra a tortura e desaparecimentos e em favor dos direitos humanos.

Por causa desta luta, a solidariedade latino-americana foi marcada pelo sangue de muitos irmãos e irmãs que lutaram por uma vida mais humana e digna. Cada mártir deste continente se transformou num sinal de solidariedade. A perseguição sofrida por muitos cristãos é sinal de uma Igreja solidária. Longe de ser simplesmente compaixão ou esmola, a solidariedade latino-americana se caracteriza pela comunhão de compromisso e de bens.

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a história da AL se caracterizou pelos conflitos econômicos, políticos e sociais atingindo de forma cruel as grandes majorias oprimidas deste continente. Os pobres, tomando consciência das injustiças que sofriam, se organizaram em movimentos populares na tentativa de mudar o sistema opressor que defendia a ordem estabelecida, provocando assim sérias tensões, agravadas pelas polarizações ideológicas, tendo como consequência uma “verdadeira espiral de violência: opressão, subversão, repressão”.

É neste contexto que alguns setores da Igreja Católica, tomando consciência de sua responsabilidade solidária, perceberam que a simples assistência aos pobres não bastava, pois poderiam perpetuar o sistema injusto. Começaram então a denunciar as estruturas de exploração como causadoras da marginalização das grandes majorias empobrecidas e a propor uma nova ordem social, econômica e

política, baseada na justiça e na solidariedade. Esta postura não se deu sem conflitos dentro da própria Igreja, inserida num continente marcado por uma tradição Católica não isenta de deficiências e distorções.

Os cristãos mais esclarecidos em sua fé, percebendo que a miséria do povo não era um fato isolado ou casual, mas sim produto das estruturas sócio-econômicas de exploração, tentaram abrir caminhos para a libertação do homem latino-americano e a construção de uma nova sociedade. Entenderam que o amor fraterno, para ser mais coerente, sincero e eficaz, comportava necessariamente a luta pela justiça. A fé e a prática destes cristãos entraram em choque com a ordem estabelecida na sociedade e dentro da própria Igreja. Estes novos cristãos buscavam reconhecer Deus não só na intimidade pessoal, mas no dia a dia, nas situações e desafios da história do povo; sua prática não se reduzia a uma ajuda ocasional aos irmãos necessitados, mas no compromisso com a vida inteira, questionando radicalmente o sistema sócio-econômico causador de injustiças.

Com os olhos da fé bem abertos, eles entenderam que não poderiam se instalar na segurança de uma fé vivida dentro dos recintos sagrados nem se contentar com uma caridade neutra e inofensiva. Compreenderam, ao contrário, que sua fé implicava num compromisso político. A conscientização política dos cristãos, a partir da fé, deveria ser uma das preocupações da Igreja em suas atividades pastorais e evangelizadoras. Esta postura levou muitos cristãos latino-americanos a uma nova maneira de ver o mundo e de encarar a vida. A questão fé e política passou a fazer parte da reflexão teológica e da preocupação pastoral da Igreja latino-americana.

Consequentemente, a fé tradicional e a própria evangelização se viam questionadas pelas novas experiências e desafiadas a voltar às suas origens e encontrar novas forças para encarnar-se nesta nova cultura. Estas novas formas de fé e de caridade tiveram de responder as exigências de sua encarnação dentro de uma cultura marcada pelo compromisso de transformação da sociedade nascida fora da Igreja e, ao mesmo tempo, manter-se abertas às formas do catolicismo tradicional que teve importante papel na transmissão histórica da fé. Se estes cristãos conscientizados não mantivessem esta abertura, correriam o risco de excluírem-se da própria Igreja e dissolverem-se em pequenos grupos sem apoio oficial e impossibilitados de se fazerem presentes eficazmente na sociedade. A

solidariedade que a Igreja prega para fora tem que ser cultivada dentro dela mesma.

Mas este vínculo com a Igreja estabelecida não se deu sem tensões e conflitos. Por um lado, os grupos de cristãos que, no confronto com a sociedade, foram encontrando novas formas de entender e viver sua fé e, por outro, os setores católicos tradicionais acostumados com as estruturas de uma Igreja estabelecida.

Após o Concílio Vaticano II, a abundante produção de declarações, manifestos, cartas abertas e documentos de trabalho têm caracterizado o despertar da Igreja latino-americana para as questões sociais. Grupos de cristãos e personalidades da Igreja tomaram posição frente a determinados fatos e situações que afetavam certas regiões e países do continente latino-americano. A Igreja da AL, vivendo solidariamente num continente em crise, recordando suas origens, sentiu a necessidade de tomar a palavra, articular o conteúdo desta consciência e colocar em prática suas conseqüências.

Estes grupos de cristãos, de fé renovada, trouxeram para a Igreja latino-americana uma consciência crítica da fé. Os inúmeros documentos que registraram este fato (do CELAM, da CLAR, de grupos de Leigos, Medellín e Puebla, dos Bispos, das Conferências Episcopais Nacionais, dos grupos de Religiosos e Religiosas, dos grupos de Sacerdotes e dos Sínodos) são um testemunho fiel do despertar de uma Igreja comprometida com os problemas vividos pelas grandes maiorias empobrecidas do continente latino-americano.

A partir destes documentos oriundos de diversos grupos ou personalidades do povo cristão latino-americano, teólogos comprometidos com a causa dos pobres, sistematizaram sua reflexão teológica numa tentativa de articular, para os cristãos comprometidos, a coerência de sua fé e a razão de sua esperança, contribuindo assim com a busca de uma Igreja solidária em seus países e para toda a AL. Entre outros, podem ser destacados: Ronaldo Muñoz, Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino, Leonardo Boff, Clodovis Boff, J. B. Libânio, Carlos Mesters, Hugo Asmam, Oscar Beozzo e José Comblin que com suas reflexões iluminaram o caminho da Igreja da AL. Além do mais, esta Igreja teve à sua frente bispos proféticos como Dom Helder Câmara, Dom Oscar Romero e Dom Manuel Larráin, expressando a alma da Conferência de Medellín que significou o início da explicitação de uma eclesiologia solidária para a AL. A profecia destes autênticos cristãos chegou até nós trazendo grandes benefícios ao povo e à própria Igreja.

Estes documentos de grupos de cristãos tratam de questões da realidade, constatando inicialmente os fatos ou as situações concretas sob o ponto de vista sociológico e oferecendo uma interpretação dos mesmos à luz da análise sócio-econômica, sociocultural e política, assim como à luz da fé cristã e das mais recentes tomadas de posição do magistério da Igreja. Além disso, estão orientados para a execução de uma tarefa: despertar nos cristãos a responsabilidade para uma ação solidária com vistas à transformação da situação. E os critérios para a realização desta tarefa são vistos à luz da mesma fé e de determinados modelos sócio-econômicos, socioculturais ou políticos, e sugerem, por último, caminhos concretos para a ação.

A partir destes documentos que retratam uma nova postura da Igreja na AL, os teólogos perseguiram dois objetivos: a) facilitar a leitura de tais documentos captando suas grandes linhas de força e sua lógica interna, descobrindo ao mesmo tempo a dialética do processo de tomada de consciência e de compromisso que estavam por trás dos autores dos mesmos; b) detectar os principais modelos de fé e suas exigências práticas, esboçando assim uma crítica teológica que assinala suas raízes bíblicas, sua fundamental coerência, assim como seus vacilos e as principais interrogações deixadas em aberto.

Ao explicar os objetivos e procedimentos, estes teólogos insistiam na estrutura dialética segundo a qual se realizaria, a partir de sua compreensão, o processo para uma teologia que pudesse pensar uma Igreja ideal. Esta estrutura dialética se definia em dois pólos: a Igreja e o mundo (ou sociedade). O teólogo R. Muñoz constatou, porém, que na prática a estrutura bipolar na AL se mostrou insuficiente, tanto no sentido ético-teológico, pois tanto na Igreja e em todos os cristãos como nas estruturas da sociedade crescem juntos o joio e o trigo misturados, quanto no sentido sociocultural e político. Por isso, é levado a desdobrar o pólo “igreja” em outros três pólos: *grupos cristãos-sociedade* (de consciência renovada) e em *grupos cristãos igreja-estabelecida*. Entre o primeiro e o segundo pólos coloca uma conexão interna, objeto de análise para os grupos cristãos, constituída pela *igreja estabelecida-sociedade*.

Os cristãos de consciência renovada (primeiro pólo) percebem e interpretam a situação social a partir de um sentido cristão. Esta experiência modifica as imagens e as formas do cristianismo recebido, o que os levam a uma *nova compreensão de sua fé*. Nasce assim uma *nova práxis cristã* orientada para a

mudança da situação sócio-econômica e a exigência de revisão na compreensão da fé.

Esta nova compreensão da fé não se deu sem confrontos, tensões e conflitos por causa do contra-senso da prática da Igreja estabelecida e do *status* que ocupava na sociedade bem como de seu compromisso com a ordem estabelecida. Esta nova consciência de igreja marcada pela exigência de uma práxis cristã na sociedade, levou a estes grupos cristãos a uma *nova compreensão da missão* da Igreja. Desta nova compreensão surgiu uma *nova práxis eclesial* que em meio a conflitos foi modificando o *status* e a função da Igreja estabelecida. Esta nova práxis e os conflitos vão exigindo, por sua vez, nestes mesmos grupos, a revisão de sua maneira de conceber a missão da Igreja. As alianças e certas funções da Igreja estabelecida na sociedade chocavam os grupos cristãos de consciência renovada. Diante disso, perguntava-se: qual é a tarefa da Igreja de Jesus Cristo no contexto de uma nova compreensão da fé e da práxis cristã na sociedade e quais as novas opções aparecem como condição para seu cumprimento? Que modelos de comunidade e de serviço deviam ser reforçados e realizados nesta nova práxis eclesial?

A releitura bíblica e a reflexão teológica são realizadas de uma maneira crítica e comprometida por esses teólogos latino-americanos, no sentido de serem suficientemente objetivas e responsáveis no confronto com a palavra de Deus que não se deixa reduzir por nenhuma de suas concretizações históricas, mas que, ao contrário, as transcende na direção da plenitude da verdade. Todo este empenho é uma contribuição teológico-crítica oferecida ao povo da AL comprometido solidariamente com a luta pela justiça e paz.

Se a meta fundamental destes teólogos foi a de contribuir para a construção de uma Igreja solidária na AL, por que não continuar este objetivo hoje, diante de uma situação de miséria e fome que se alastram nos países latino-americanos? Assim como a Bíblia é palavra de Deus sempre atual para nossa vivência comunitária da fé, também as reflexões destes cristãos que viveram algumas décadas antes de nós continuam relevantes dentro deste novo contexto sócio-econômico e religioso-cultural deste novo milênio. É neste sentido que pode ser justificada a relevância de uma eclesiologia solidária para o resgate da dignidade humana e para que ninguém entre nós seja indigente.

O presente trabalho está dividido em três capítulos: 1. “Igreja solidária numa situação de crise na AL: de Medellín a Puebla”; 2. “Novos desafios: resistência popular e solidariedade eclesial”; 3. “Contribuições de Medellín, Puebla e Santo Domingo para uma Igreja solidária hoje”, seguido de uma breve conclusão.

No primeiro capítulo focalizo alguns aspectos da solidariedade eclesial em meio a uma situação de crise sócio-econômica-cultural na qual se encontravam os povos latino-americanos no período que corresponde as duas grandes Conferências Episcopais de Medellín e Puebla (1968-1979). Inspiro-me nas reflexões de Ronaldo Muñoz, Leonardo Boff, Clodovis Boff, Jon Sobrino e Gustavo Gutiérrez, entre outros, e, sobretudo, nos Documentos de Medellín e Puebla.

A primeira parte deste capítulo corresponde ao contexto social, político, econômico e cultural em que vivia o povo latino-americano nas décadas de 60, 70 e 80. A crise da instituição familiar, a alienação do sistema educacional, os aspectos negativos dos meios de comunicação social que contribuíam para aumentar a alienação dos trabalhadores do campo e da cidade, o problema do desemprego, a marginalização social, econômica e política das grandes maiorias, a passividade e o conformismo da juventude e da população em geral, eram apenas alguns aspectos da real situação do povo da AL durante aquele período.

Diante de tal contexto, pastores e teólogos da Igreja começaram a refletir, a partir da Sagrada Escritura e do Concílio Vaticano II, sobre a profunda unidade que existe entre as realidades humana e divina, entre fé e política, história humana e história da salvação. Redescobriram o valor da ação salvadora de Deus *na e através* da história e o mundo como lugar da ética cristã. Nascia, assim, mediante a observação dos “sinais dos tempos”, uma evangelização conscientizadora que levava as pessoas à vivência solidária e ao compromisso libertador.

No segundo capítulo minha abordagem está voltada para os novos desafios pastorais, a resistência popular e a solidariedade eclesial diante de uma nova conjuntura política, econômica, cultural e religiosa da AL, sobretudo depois de Puebla, passando por Santo Domingo, até o início do novo milênio.

Para responder aos novos desafios que surgem dentro de novas conjunturas, a Igreja continuou atenta aos “sinais dos tempos”. Esta é uma postura de grande importância para a questão da eclesiologia solidária.

O objetivo é buscar, no período supracitado, inspiração para a ação da Igreja hoje e, a partir daí, redescobrir algumas pistas que ajudem a fortalecer a solidariedade eclesial frente às novas conjunturas sócio-econômico-culturais e aos novos desafios pastorais.

No terceiro capítulo, começo refletindo sobre a fundamentação cristológica para uma correta compreensão eclesiológica. Em seguida, procuro ver a preocupação do Magistério Pontifício com as questões humanas e sociais. Duas encíclicas são de grande importância para o tema da solidariedade: a *Populorum Progressio* de Paulo VI e a *Sollicitudo Rei Socialis* de João Paulo II. Nesta última, o papa recorda que a Igreja não tem soluções técnicas para resolver o problema do subdesenvolvimento, mesmo sendo ela “perita em humanidade”.

À luz da fundamentação cristológica para a eclesiologia, do Magistério Pontifício e da reflexão teológica latino-americana, pode-se vislumbrar dois modelos de Igreja que se tornaram consagrados em nosso continente: a Igreja como “povo de Deus” e a “Igreja dos pobres”. Estes modelos contribuíram muito para a dimensão fraterna e solidária da comunidade eclesial concretizada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Tendo em vista a força transformadora da solidariedade, um dos caminhos para se construir uma eclesiologia solidária hoje é a solidariedade ecológica, isto é, a preocupação com o meio ambiente e com o ecossistema planetário. Frente a uma situação de crise, a Igreja latino-americana poderá testemunhar seu compromisso solidário a serviço da vida, em todas as suas dimensões. Somente assim poderia esperar a realização desta utopia: “ninguém entre eles era indigente”. Chegará, pois, o dia em que nenhum latino-americano viverá, dormirá ou morrerá como indigente. Quando isso acontecer, é sinal de que a plenitude do Reino chegou.